

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E  
GÊNEROS – GEPEM  
19 a 21 de novembro de 2019  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT1: Gênero, Identidade e Cultura

**“SER FEMINISTA É...”: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O  
FEMINISMO NA IMPRENSA PARAENSE (1912-1922)**

Bárbara Leal Rodrigues (UEPA)  
Maurício Zeni (UEPA)

**Resumo:** A pesquisa tem como objetivo analisar as representações ao feminismo nos impressos paraenses, no período entre 1912-1922, por reconhecer como um momento de mudanças sociais e políticas em relação à emancipação e participação pública feminina. Essas representações, grosso modo, configuram-se como positivas e negativas ao feminismo. Para fazer tais atribuições, foi necessário compreender o modelo de mulher-mãe e o processo contínuo de inserção pública das mulheres. Para esses resultados, foi empregada a análise de jornais e revistas, a partir de métodos qualitativos, buscando encontrar regularidades nos dados. A partir disso, compreendemos as diversas representações na imprensa, como um reflexo da sociedade paraense do período, sobre o feminismo e as mudanças que estava e poderia causar.

**Palavras-chave:** Feminismo; mulheres; representações; imprensa paraense; emancipação feminina.

**Abstract:** This research aims to analyze the representations of feminism in Pará publications, during the period from 1912 to 1922, as it is recognized as a moment of social and political changes in relation to emancipation and female public participation. These representations, roughly speaking, are positive and negative for feminism. To make such attributions, it was necessary to understand the woman-mother model and the continuous process of women's public insertion. To obtain results, it was used the analysis of newspapers and magazines, using qualitative methods, seeking to find regularities in the data. Furthermore, we understand the various representations in the press as a reflection of the Para society of the period on feminism and the changes it could cause.

**Keywords:** Feminism; women; representation; Para press; female emancipation.

## Introdução

As condições impostas às mulheres sempre foram, de alguma forma, questionadas, seja individualmente ou coletivamente. Tais questionamentos direcionam-se sobre a ordem estabelecida, as posições e obrigações das mulheres na sociedade, e são consideradas como ações feministas ou precursoras do feminismo, esta última para aqueles/as que possuíam uma perspectiva emancipatória, como é o caso das Preciosas na França do século XVII<sup>1</sup>.

Assim, configura-se o que é comumente chamado de “Ondas Feministas”, sendo a Primeira Onda a partir do século XIX até meados do século XX, surgindo com maior intensidade na Inglaterra e nos Estados Unidos. O movimento feminista brasileiro, fortemente influenciado pelo feminismo euro-americano, configura-se nessa mesma linha de tempo, a partir disso, as reivindicações são similares: por direitos, principalmente o direito ao voto, participação nos espaços públicos, como também poder administrar bens e fortunas, ou seja, “o movimento feminista brasileiro induziu à elaboração de uma legislação não reclamada por extensas áreas da população feminina”<sup>2</sup>. Para além da questão política-pública, há as problematizações aos papéis designados, como submissos, passivos e maternais às mulheres.

Uma das primeiras manifestações pelo sufrágio feminino brasileiro é o jornal *A Família*, publicado pela professora Josefina Álvares de Azevedo desde dezembro de 1888, recebendo posteriormente ajuda das sufragistas e escritoras Júlia Lopes de Almeida e Inês Sabino. No início do século XX, Leolinda Daltro e Bertha Lutz podem ser consideradas como as principais líderes na luta por direitos e pelo voto feminino.

Tal movimento, com as principais manifestações no eixo Rio-São Paulo, alastrou-se para as outras regiões do país, como Pernambuco, Minas Gerais e no Pará. No caso do estado paraense, houve a publicação em seus impressos de diversos artigos, colunas, enquetes direcionadas às reivindicações emancipatórias femininas, como o voto, a educação e o trabalho, muitos desses sendo relacionados, por seus autores/as, ao feminismo.

O período entre 1912 e 1922 é delimitado por dois marcos importantes, com fortes influências no contexto paraense. O ano de 1912 é caracterizado pela instalação das Ligas

---

<sup>1</sup> As preciosas, ou no francês “*précieuse*”, foi usado para designar tanto um fenômeno de corrente literária, como um movimento feminino que “afrontava temas que iam muito além do âmbito da cultura” e também para “designar as mulheres que reivindicavam acesso ao conhecimento e à autonomia”. GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015, p. 32-33.

<sup>2</sup> SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 357.

Femininas Laurista e Lemista<sup>3</sup>, a segunda com presença mais efêmera do que a primeira, ambas com objetivo de fortalecer a política de seus candidatos. As suas ações passaram a ser noticiadas nos jornais locais, como “as reuniões de trabalho, as sessões lítero musicais, as festividades que promoviam em torno do patrono, ou para angariar numerário para as suas práticas beneficentes e de auxílio mútuo”, também realizaram passeatas e comícios. Assim, mesmo que algumas integrantes recriminassem “a mulher política/mau feminismo”, tais Ligas não deixam de ser importantes, já que constitui em um marco na história paraense, na inserção e participação de mulheres no processo político e partidário, marcadamente como um espaço masculino, podendo ser considerada como uma “prática feminista”<sup>4</sup>.

Por conseguinte, no ano de 1922 há a instalação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), uma das principais, se não a principal, organização no processo de luta pelo voto feminino, que passa a ter diversas filiais e associações em todo o Brasil, realizando, dentre as ações, pressão sobre o Congresso para a discussão de projetos favoráveis ao sufrágio. A partir disso, a imprensa paraense passa a ficar atenta as diversas discussões e as ações do movimento ao longo da década de 1920, noticiando na primeira página com títulos chamativos<sup>5</sup>, o que demonstra uma mudança no cenário impresso paraense, já que no período anterior, a qual estamos propondo analisar, o termo, as práticas e ações em torno do feminismo são pontuais, com algumas colunas, enquetes e menções.

Assim, o presente artigo irá tratar inicialmente das perspectivas em torno da “mulher ideal”, regendo o modo de vida das mulheres brasileiras, para assim compreendermos as rejeições em torno da emancipação feminina; posteriormente iremos apresentar uma breve trajetória histórica da presença feminina nos espaços públicos e suas reivindicações, como um processo contínuo; para enfim analisar as representações proferidas nos impressos paraenses entre 1912 e 1922, tendo em perspectiva o contexto e as mudanças sociais que o feminismo ocasionou na sociedade brasileira. Tais trechos dos jornais, na maioria feito por homens, configuram-se tanto como respostas temerosas as consequências do movimento feminista, tendo, por exemplo, a saída da mulher do privado para o público, quanto favoráveis, demonstrando os benefícios, e reivindicando uma emancipação feminina, que começa a atingir espaços masculinizados e exigindo uma igualdade sócio-política.

---

<sup>3</sup> As Ligas Femininas são organizações partidárias ligadas aos políticos Lauro Sodré e Antônio Lemos.

<sup>4</sup> ÁLVARES, Maria Luzia. Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910 a 1937. IN: ÁLVARES, Maria Luzia; D'INCAO, Maria Angela (orgs.). A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. GEPEM/GOELDI: Belém-PA, 1995.

<sup>5</sup> ÁLVARES, Maria Luzia. Orminda e Eneida: duas versões do feminismo paraense. IN: ÁLVARES, Maria Luzia; SANTOS, Eunice dos (orgs.). Desafios de identidade: espaço-tempo de mulher. Belém: CEJUP; GEPEM; REDOR, 1997.

**“Si a mulher vencer os homens Quem dos bebês vae cuidar ?...”<sup>6</sup>**

Para compreender a subversão do movimento feminista, se faz necessário perpassar o papel das mulheres na sociedade brasileira. As mesmas eram vistas como inferiores e tal perspectiva passou por diversos tipos de comprovação, da religião à ciência, e lhe foi designada características inatas como ternura e piedade, sua domesticidade, dependência e dissimulação que marcam sua inferioridade, impedindo até mesmo um pleno desenvolvimento físico, intelectual e pessoal.

Nesse sentido, as mulheres eram designadas para o espaço privado, ou seja, para a casa, para os filhos e para o marido. Como bem ressalta Heleieth Saffioti<sup>7</sup>, para que haja felicidade da mulher, se faz necessária a presença do casamento, consolidando sua posição social e sua estabilidade/prosperidade econômica, configurando uma dependência e submissão tradicionais, econômica e social ao homem.

Relacionando a presente perspectiva, juntamente com o processo de modernização que as principais cidades brasileiras passavam, Margareth Rago sinaliza que há

uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centro do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos, da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.<sup>8</sup>

A partir disso, percebe-se a influência do desenvolvimento econômico na configuração social das mulheres, setores industriais que demandavam o emprego preferencial feminino, como também se pode depreender disso uma distinção de classe. Enquanto que para as mulheres mais abastadas estão os espaços de lazer e as reivindicações nas escolas; para as mulheres pobres, cabem as indústrias e as lojas comerciais. Mesmo estando, por vezes, nesses trabalhos públicos para complementar a renda familiar, as mulheres da classe operária sofriam as exigências burguesas dentro de sua própria classe, ou seja, o movimento operário reproduzia a concepção de ideal feminino, como “vigilante do lar”, e dificultava a sua inserção e participação nas entidades de classe, sindicatos e nas indústrias<sup>9</sup>.

Nessa conjuntura, cabe enfatizar que as mulheres negras e pobres sempre estiveram presentes nos espaços públicos dentro do cenário brasileiro. Trabalhando em diversos setores, sendo, por vezes, o único sustento da casa, chefes de família, tais mulheres, ao seu modo, já subvertiam a ordem estabelecida e passaram por um processo

<sup>6</sup> O Estado do Pará, 29/04/1913. Seção: Pontos & Pospontos.

<sup>7</sup> SAFFIOTI, Heleieth. Op. Cit. p.63.

<sup>8</sup> RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014. P. 88.

<sup>9</sup> RAGO, Margareth. Ibidem, p. 89.

de invisibilização, seja por uma perspectiva progressista e modernizadora que implementou políticas de “limpeza” nos centros urbanos no início do século XX, seja pelo movimento de mulheres, da classe média e alta, que não se voltaram e nem agregaram em suas pautas, políticas direcionadas para a realidade dessa parcela feminina.

Outro ponto que merece destaque, considerando-se o período inicial da República, é a influência do Positivismo não somente no cenário político, como também no social. Assim, cabe ressaltar dentro dessa perspectiva, os papéis designados aos homens e as mulheres.

Aos homens caberia uma superioridade de caráter, inteligência analítica e o instinto sexual; enquanto que às mulheres caberia uma superioridade afetiva, inteligência sintética e o instinto materno. Para o positivismo, o instinto materno seria um instinto egoísta, já que a mulher-mãe se prende ao que produziu, como também juntamente com o altruísmo e a bondade, se resulta no amor materno. Tendo todas essas atribuições, a mulher-mãe passa a ser moralmente e socialmente superior ao homem, pois ela “abre mão de seus interesses pessoais em favor da família”<sup>10</sup>.

O mito do amor materno também é reforçado pelo discurso médico-sanitarista, a partir de meados do século XIX, que pretende fundar, convencer e legitimar um modelo normativo de feminilidade que a mulher deve seguir. Nesse discurso, a mulher é conduzida a vida doméstica, devido seu instinto natural e o seu sentimento de sua responsabilidade na sociedade. Assim, aquelas que não fossem mães, não amamentassem e nem fossem esposas estariam desobedecendo a ordem natural, como também colocando em risco o futuro da nação<sup>11</sup>.

A partir disso, a República apresenta uma imagem de mulher, inspirada no positivismo e no higienismo, passando a ser um modelo a ser seguido e exigido. Tais argumentos passaram a ser difundidos e vinculados a uma imprensa periódica educacional e feminina, rejeitando as teses do movimento feminista que se disseminava. Assim, passando de colunas para jornais e revistas, surgiram as imprensas femininas, tendo tanto aquelas que reivindicavam educação de qualidade para as mulheres, quanto aquelas que veiculavam os valores burgueses, como também revistas que pregavam um meio termo entre ambas. Sobre as que foram escritas e dirigidas por/para senhoras ricas, podemos perceber o ideal mulher-mãe, ao combater o feminismo, classificando-o como um fator de desequilíbrio social, e ao reforçar uma função materna biológica, social e patriótica<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> MENDES, Raimundo Teixeira. A preeminência social e moral da mulher, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positivista. Rio de Janeiro: Tipografia do apostolado positivista do Brasil, 1908. Apud. SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 111-112.

<sup>11</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit. p.109.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Jane Soares. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. Revista Estudos Pedagógicos, Brasília, v.79, n.191, jan./abr. 1998.

### “a mulher tudo invade”<sup>13</sup>

A partir da análise de ideal de mulher, podemos perceber o quanto o discurso feminista torna-se ameaçador à sociedade tradicional brasileira. Com as reivindicações e inserção pública, as mulheres passam a alterar as concepções vigentes, contradizendo a moral e o decoro do período, sendo refletida nos impressos da época, em representações e discursos que tanto difama quanto enobrece a causa.

Entretanto, antes de adentrarmos nessa análise, se faz necessário pontuar que, apesar de organizações e movimentos terem surgido a partir do século XIX, há situações individuais e coletivas de participação de mulheres na esfera pública reivindicando direitos e melhorias em períodos anteriores. Desde a luta pela independência, mulheres como Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, se fizeram presente na Conjuração Mineira, promovendo reuniões secretas, incentivando e até financiando as ações dos conjurados; Bárbara Alencar, participando de diversas revoltas em Pernambuco; e Maria Quitéria de Jesus, ingressando disfarçada no Regimento de Artilharia, exemplificam algumas mulheres subversivas aos papéis que lhe era atribuído.

Na luta pela educação, uma das pioneiras pela alfabetização das meninas e jovens, e também considerada a primeira feminista brasileira, é Nísia Floresta. Compreendendo as diferenças entre os sexos como construções sociais e vinculadas a disparidade educacional, Nísia Floresta defendia a educação como primeiro passo para a emancipação da mulher, é também responsável por traduzir livremente e publicar o livro “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens”, de Mary Wollstonecraft<sup>14</sup>.

Outra esfera pública que as mulheres participaram foi a luta abolicionista, criando sociedades e se organizando, como a Sociedade de Libertação (1870) e a Ave Libertas (1884). Nesse cenário,

a luta abolicionista feminina sinalizou o início do fim da escravidão da porta para dentro e a afirmação das mulheres da porta para fora. Ainda que pedindo emancipação não para si, mas para os escravos, as abolicionistas puseram as mulheres brasileiras na política, coletivamente e de maneira inédita<sup>15</sup>.

Assim, podemos perceber a participação feminina, seja individual ou coletiva em algumas questões políticas na sociedade brasileira. A despeito do movimento feminista brasileiro cabe pontuar suas formas de manifestação, organização e atuação.

Uma das primeiras formas de manifestação foi a imprensa alternativa feminina, ou mais especificamente, os jornais feministas iniciados em meados do século XIX, possibilitando o registro das causas e lutas travada pelas mulheres, como a disseminação

<sup>13</sup> O industrial, 08/05/1902. Matéria: O reinado das mulheres.

<sup>14</sup> GARCIA, Carla Cristina. Breve histórico do Movimento Feminista no Brasil. Disponível: <<http://flacso.org.ar/wp-content/uploads/2015/08/Capitulo-brasil-historia-do-feminismo.pdf>>, p.6.

<sup>15</sup> Ibidem, p.7.

da campanha pelo voto feminino<sup>16</sup>. Constituindo-se um dos principais países latino-americanos na propagação de jornais feministas, para citar alguns exemplos: O Jornal das Senhoras (1852), O Sexo Feminino (1873), o Echo das Damas (1879) e o Jornal das Moças (1914).

Nessa perspectiva, a imprensa feminina torna-se importante para os estudos dos hábitos, costumes, reivindicações e também, como as mesmas reagiam diante de acontecimentos e das normas sociais. A partir disso, a imprensa feminina pode ser caracterizada como um “conjunto de publicações voltadas para as mulheres”, ou seja, o que determina é o seu público leitor, já que a maior parte desses periódicos era escrito por homens<sup>17</sup>.

Esses periódicos do século XIX, e podemos considerar também os do início do século XX, tinham como uma das principais pauta a educação, visando uma melhoria do sistema de ensino, necessárias ao progresso da nação, contribuindo também para que as mulheres trabalhassem e se emancipassem, como podemos ver no escrito de Josefina Álvares:

[...] A primeira condição essencial de emancipação das pessoas é a instrução. Instruída a mulher, todos os direitos se lhe antolham como da posse razoável de todos os seres da espécie. [...]

E a mulher será instruída e emancipada, com todos os direitos inerentes às personalidades humanas, ou não será instruída, e, por conseguinte, torná-la-ão inferior pelo egoísmo dos seus semelhantes, o que é uma monstruosidade.

Repito: a emancipação da mulher é um direito concernente à sua instrução<sup>18</sup>.

Sobre suas organizações e atuações, faz-se necessário pontuar que, apesar de receber uma influência euro-americano ideológica, isso se difere nas ações práticas. Os movimentos feministas ingleses e alguns grupos norte-americanos realizavam grandes movimentações, dirigindo-se para ações e estratégias mais radicais, acabando por serem presas e muitas mortas defendendo seus ideais. No caso das feministas brasileiras, foram alinhados seus discursos ao ideário republicano, ou seja, que a mulher teria que ser “instruída para a formação de cidadãos responsáveis pelo desenvolvimento nacional”<sup>19</sup>, argumentando e convencendo homens e mulheres que a educação feminina traria

<sup>16</sup> BANDEIRA, Ana Paulo. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, nov.2015.

<sup>17</sup> NASCIMENTO, Kelly. Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira 1873-1932. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

<sup>18</sup> AZEVEDO, Josefina Álvares de. A mulher moderna: trabalhos de propaganda. Brasília: Senado Federal, 2018. P. 27. O Senado Federal iniciou em 2018 a Coleção Escritoras do Brasil, que visa divulgar o trabalho de escritoras, para promover o conhecimento e a leitura dessas mulheres pouco conhecidas em um contexto geral. Assim, inicia a coleção com a obra de Josefina Álvares de Azevedo, publicada inicialmente em 1891.

<sup>19</sup> GARCIA, Carla. Op. Cit. p. 11.

benefícios. A partir disso, podemos perceber quais eram as mulheres, nesse período, que integravam o movimento: letradas, da classe dominante e conseqüentemente com acesso a imprensa.

Nessa conjuntura, podemos perceber que a sociedade paraense não difere do contexto nacional, tendo assim, grosso modo, duas concepções: os pronunciamentos feministas, atrelados a luta reivindicatória com o papel “mulher educadora-civilizadora”; como também um discurso antifeminista, com rejeições e argumentações contrárias a alguns direitos exigidos, principalmente ao voto e a inserção nos espaços públicos.

### **“Estamos em vespera da catástrofe, salve-se quem puder”<sup>20</sup>**

Notícias reportando o feminismo já são encontradas nos jornais paraenses desde 1893, principalmente reportando o progresso do movimento em outros países, como por exemplo, o jornal *Correio Paraense*<sup>21</sup>, que menciona o avanço do feminismo na Alemanha; ou o jornal *A Republica*, que considera a abertura de escolas para mulheres como avanço do feminismo, pelo governo turco<sup>22</sup>, como também reporta a criação de lei para votação municipal sem distinção de sexo no estado do Kansas, EUA, fruto do movimento feminista<sup>23</sup>. A partir disso, compreendemos que as reivindicações emancipatórias não são mais novidade na sociedade paraense no período analisado.

Assim, as crescentes mudanças ocorridas no cenário público com o movimento de mulheres, ao reivindicar esse espaço como seu também, faz com que haja uma reação de insegurança quanto ao futuro, um medo que é causado pela “desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos, ou seja, pela alteração nos padrões de masculinidade e feminilidade vigentes”<sup>24</sup>. Reflexo das mudanças nos papéis socialmente construídos para homens e mulheres, na qual terá reações contrárias, seja em instituições quanto em jornais para impedir com que tais alterações ocorram.

Como, por exemplo, no caso das vestimentas, que exposto no jornal *Estado do Pará*<sup>25</sup>, na seção “Coisas dos Outros”, sobre São Paulo, há a prescrição da Ordenação, Livro Quinto, Título 31, onde diz: “Defendemos que nenhum homem se vista, nem ande em trajes de mulher, nem mulher em trajes de homem”. O que torna interessante é o comentário sobre tal prescrição na coluna, sem autoria, que diz: “a mulher poderá ser pedreira, tabeliã, deputada, carpinteira e usar fraque, cartola, ceroilas, calças, bigodes e até mesmo fazer... a barba. O século é outro, senhora Ordenação, e o melhor que vossa mercê faz é queimar-se,

<sup>20</sup> O industrial, 8/5/1902. Matéria: O reinado das mulheres.

<sup>21</sup> *Correio Paraense*, 20/07/1893.

<sup>22</sup> *A Republica*, 7/10/1893. Matéria: As filhas de Allah.

<sup>23</sup> *A Republica*, 27/10/1893. Matéria: O suffragio feminino.

<sup>24</sup> MARSON, Melina. Da feminista “macha” aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*, n.3/4, 1995/1996.

<sup>25</sup> *Estado do Pará*, 03/07/1911. Coluna: Coisas dos Outros.

entendeu?”. Tal Ordenação e comentário simplificam o cenário encontrado: ações de manutenção da norma e manifestações contrárias, que já anunciam as transformações sociais.

Partindo para a análise dos discursos antifeministas nos impressos, encontramos comumente comentários como: “O feminismo de hoje parece ter tomado por tarefa transformar as mulheres tanto quanto possível semelhante aos homens. [...] Elas têm muito que perder com isso e nós também”<sup>26</sup>. Assim, podemos perceber que as reivindicações feministas começam a desestruturar a identidade masculina e redimensionar a feminina, evidenciado no medo e insegurança, como também uma concepção equivocada do movimento.

Para evidenciar todos esses anseios, são diversos os meios e os discursos utilizados, além dos jornais, há o registro de peças de teatro ou filmes que têm em seu título a palavra “feminismo/feminista” e são classificadas como “comicas”, por exemplo, “Viva o feminismo”, que foi em exibição no Cinema Alhambra, no dia 11 de junho de 1912<sup>27</sup> e no Cinema São João, em 22 de junho de 1912<sup>28</sup>. Como também conferências para tratar o feminismo, tal a qual ocorreu em Belém, no dia 02 de junho, às 9 horas da manhã no Theatro da Paz, sendo o conferencista identificado pelo pseudônimo de Luciano d’Avila<sup>29</sup>.

Além disso, as opiniões emitidas a respeito das feministas e do feminismo demonstram “palavras de louvor ou desdém, configurando-se em uma espécie de tribunal social que se encarregava de julgar a conveniência, ou não, de qualquer ato proveniente das mulheres”<sup>30</sup>. Tal afirmação pode ser percebida na coluna “Ao inverso do costume”, onde o autor, Alves de Souza, diz sobre o voto feminino: “Não devo, não quero ter opinião sobre um problema perigoso, que passou do campo da propaganda social para o campo da imposição violenta, que derivou da palavra escripta e falada para a bomba e para o incendio”<sup>31</sup>. Apesar de afirmar que não irá se posicionar, ele já infere características em relação a reivindicação, e também infere como deveria ser o movimento, “escrito e falado”, como também ser cordial, amável, gentil e gracioso; e não ser “bomba e incêndio”, violento, atribuindo tais ações ao sufragismo britânico, caracterizado como aberração monstruosa, repulsiva e degradante.

Assim, podemos perceber que os homens não eram neutros quando o assunto era a emancipação feminina, seja com declarações mais ofensivas ou mais amenas, eles eram os juízes desse processo. Quando não eram totalmente contrários ao feminismo, inferiam

---

<sup>26</sup> Estado do Pará, 01/09/1911. Matéria: A educação das moças.

<sup>27</sup> Estado do Pará, 11/06/1912. Coluna: Chronica theatral.

<sup>28</sup> Estado do Pará, 22/06/1912. Coluna: Chronica theatral.

<sup>29</sup> Estado do Pará, 01/06/1912. Matéria: Conferencia.

<sup>30</sup> OSTOS, Natascha. A questão feminina: importância das mulheres para a regulação da população brasileira. Cadernos Pagu (39), jul./dez. 2012.

<sup>31</sup> Estado do Pará, 05/05/1914. Coluna: Ao inverso do costume.

sobre como o movimento deveria ser, agir e reivindicar; e no momento em que as mulheres não agiam como deveriam, eram condenadas.

Nessa perspectiva negativa, várias são as atribuições às mulheres, reduzidas a atitudes violentas e desequilibradas, consideradas feias e não-femininas. É o que Melina Marson<sup>32</sup> analisa, onde na busca por uma nova identidade, as feministas acabam por serem vistas como não-mulheres, mal-amadas, que por isso se envolviam em assuntos masculinos.

Além disso, as mulheres são acusadas de “ocupar os espaços dos homens” e isso ocasionaria o “fim dos tempos”. Para demonstrar tal concepção, utilizaram-se até de poemas:

O feminismo ! É por isso  
Que eu me ponho a matutar;  
– Si a mulher vencer os homens  
Quem dos bêbês vao cuidar ? ...

Si as mulheres conseguirem  
Nos vencer em toda a linha,  
Só nos assiste o direito  
De trabalhar... na cosinha!...  
[...]

E, os homens, para o futuro,  
Parece que viverão  
Na mais cruel dobadoura,  
Pois, como dizem, terão  
Em vez do livro – as panellas,  
E, em vez da pena, - a vassoura!...<sup>33</sup>

Nesse poema, pode ser interpretado o medo masculino de ter os “seus” lugares trocados com os das mulheres. Já que os papéis sociais são fixos e justificados por uma natureza inata, torna os versos do poema absurdo e até risível para a época.

Ademais, aqueles favoráveis às causas feministas também era satirizados, como é o caso de Felipe Camarão, autor das colunas “Feminismo Triumpha” e “Feminismo Vencerá” no jornal Estado do Pará:

[...] E a mania que ele tem  
De engrossar o feminismo,  
Não pôde ser muito bem  
Um caso de chaleirismo ?  
Se fôr assim, - novo rumo  
Procure em bandas fagueiras,  
Pois eu de raiva me espumo  
Contra todos os chaleiras!<sup>34</sup>

Assim, podemos compreender que todas e todos favoráveis as mudanças e reivindicações emancipacionistas eram alvos na sociedade paraense, que utilizava diversos mecanismos para desmerecer a causa. A partir disso, é interessante refletir que tal prática de satirizar, menosprezar e degradar as mulheres que invadem os espaços masculinizados

<sup>32</sup> MARSON, Alison. Op. Cit. p. 6.

<sup>33</sup> Estado do Pará, 29/04/1913. Seção: Pontos & Pospontos.

<sup>34</sup> Estado do Pará, 08/08/1913. Seção: Pontos & Pospontos.

configura-se como um ato nacional e internacional, além de contínuo, visto que gravuras europeias do século XVIII já retratavam essas mulheres como “megeras sexualmente agressivas” ou como “putas” e “bruxas”<sup>35</sup>.

Entretanto, os impressos desse período não só divulgavam reações negativas e contrárias ao feminismo, mas serviam também aqueles e aquelas que queriam a emancipação feminina. No qual, com o avançar dos anos e as novas conquistas passam a se tornar mais frequentes.

**“Ser feminista, enfim, é amar a independência, a liberdade, a luz e a ciência”<sup>36</sup>**

Refletindo o cenário brasileiro, os impressos paraenses também estavam atentos em todos os assuntos pertinentes a emancipação da mulher e aos avanços conquistados no contexto nacional e internacional.

Em relação a inserção feminina no espaço escolar, discursos como o da Srt. Esmeralda Monteiro<sup>37</sup> é um exemplo:

[...] A mulher é então chamada para colaborar, dentro dos moldes de sua fraqueza, nessa obra restauradora de engrandecimento moral e intellectual. Dadas as próprias condições da natureza, a alma feminina é propensa a esse mister [...], um elemento que contribue para a sua grandeza!

E continua, citando uma frase da escritora espanhola D. Concepcion Gimeno:

Se alguns insensatos, contudo, se oppõem a que a mulher se instrua e a declaram inepta para adquirir ilustração, outros homens, sabies e discretos, entendem que educar um homem é formar um individuo, emquanto que educar uma mulher é formar as futuras gerações.

Tal discurso mesmo sendo favorável a inserção das mulheres nas instituições escolares, tanto como estudante quanto professoras, ela não deixa de reforçar certos estereótipos em relação a mulher, e a ressignificação que o Estado e a Igreja fizeram da instrução feminina. A imagem é de que elas seriam as principais responsáveis pela moralização da família e da Pátria, as características ditas femininas, comentadas anteriormente, contribuíram para aceitação social das mulheres que trabalhassem como professoras.

Entretanto, não deixa de ser uma vitória a causa feminista, já que o estudo sempre foi uma reivindicação, que possibilitaria o acesso ao trabalho e conseqüentemente sua independência. Esse ideal espalhou-se, e mesmo em textos que não mencionam o feminismo, propagam a mesma concepção, como podemos ver:

[...] Para se ganhar a vida, não basta ter vontade de trabalhar. É preciso saber do seu officio. Todos nós devemos ter uma occupação util, por mais...ricos que sejamos. A ociosidade é a mãe de todos os males da família e das nações.

<sup>35</sup> FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. P. 189-190.

<sup>36</sup> Estado do Pará, 31/03/1914. Coluna: O feminismo.

<sup>37</sup> O Ensino, n.9-10, mar.-abr., 1919, p. 106-109.

Seja se homem, ou mulher, devemos procurar processos de empregarmos o tempo sem ser em futilidades. A instrução, com fim proveitoso, a educação, com objectivo utilitario e tanto serve para um sexo como para o outro.

É preciso que as mulher se eduquem fora do regimen de servirem só de encantamento para o homem [...]<sup>38</sup>

Mesmo que de certa forma já se tenha a presença mais constante de mulheres nos espaços educacionais, como podemos ver nas fotos divulgadas na revista *A Semana*, de meninas em institutos<sup>39</sup>, em curso de datilografia<sup>40</sup> e em uma turma de formandos normalistas<sup>41</sup>, se formar ainda era um vitória e motivo de emoção, tal como é narrado: “Mademoiselle Z, na ocasião de receber o seu diploma, commoveu-se tanto, que os seus olhos pestanudos, lacrimejaram. [...] Seria porque mademoiselle tinha, alfim, em mãos, o premio das suas luctas com o Saber [...]”<sup>42</sup>.

Outra reivindicação feminista, e nesse período podemos pontuar como a principal, foi o voto feminino. Visto como importantíssimo para a inserção política das mulheres, acreditava-se que votar e ser votada contribuiria e ocasionaria para que outros direitos fossem conquistados. Em relação à imprensa, mesmo que em colunas pequenas, algumas conquistas sufragistas em outros países foram noticiadas, podendo ser interpretada como um incentivo ao sufrágio brasileiro.

A conquista pelo voto feminino no Brasil possui uma longa trajetória, desde o século XIX, deputados como Francisco Souza e José de Alencar, já defendiam o sufrágio universal na imprensa, e passaram a discutir projetos de reforma eleitoral, como é o caso da Lei Saraiva (Decreto nº 3.029/1881) que abria a possibilidade de mulheres diplomadas votarem, entretanto, tal como a Constituição de 1891, não deixa explícito esse viés, resultando na rejeição aos pedidos de alistamento eleitoral feminino.

Assim, passaram a confrontar-se nesse período dois argumentos: um contrário, afirmando que o legislador não tinha a intenção de conceder o voto feminino; e outro favorável, que argumentavam conforme a letra da lei, ou seja, de que haveria gramaticalmente a inclusão do feminino no plural masculino: “... são eleitores os cidadãos maiores de 21 anos...”<sup>43</sup>. Tal disputa continuou durante os anos, e as organizações femininas passaram a aumentar e se fortalecer em prol dos seus diretos, juntamente com os projetos de lei favoráveis a causa, para enfim, ser conquistado apenas em 1932<sup>44</sup>.

<sup>38</sup> Folha do norte, 08/09/1911. Matéria: Para triumphar no mundo.

<sup>39</sup> *A Semana*, n.49, v.1, 1919. Foto: Pela instrução.

<sup>40</sup> *A Semana*, n.51, v.1, 1919. Foto: Nos dominios da dactylographia.

<sup>41</sup> *A Semana*, n.54, v.2, 1919. Foto: As novas professoras.

<sup>42</sup> *A Cigarra*, n.1, v.3, 1921.

<sup>43</sup> ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

<sup>44</sup> Para compreender o processo público e político na trajetória para a conquista do voto feminino no Brasil, recomendo o pequeno livro: MARQUES, Teresa Cristina Novaes. O voto feminino no Brasil. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

Enquanto isso, os impressos paraenses divulgavam matérias com o título “O Suffragio Feminino”<sup>45</sup>, que pontua alguns países que legitimaram o voto feminino, além de afirmar:

Quando terminar a conflagração européa, está fóra de duvida que o feminismo de nossos dias, se tornará em absoluto uma realidade. [...] Será o mais notavel facto da historia do mundo, pois consagrará a aptidão da mulher para todos os actos da vida comum, reconheceno a sua absoluta capacidade, sem resticções, declarando que, perante o direito, não ha diferenças de sexo.

Demonstrando que algumas matérias e colunas na imprensa paraense já eram otimistas enquanto o avanço do feminismo e a conquista do voto, outro exemplo é o jornal do Estado do Pará, com suas colunas, já citadas anteriormente, como “Feminismo Triumpha”, que teve doze números; o “Feminismo Vencerá”, com cinco números; como também “O Feminismo” e “Feminismo”; além de pequenas reportagens com o título “As conquistas do feminismo”. Outras, como a revista A Semana não são tão explícitas no seu posicionamento, mas não deixam de publicar imagens de mulheres formadas, professoras, diretoras, fazendo matérias sobre o trabalho de atrizes e cantoras que se apresentaram em Belém, como também reportando a dualidade na sociedade frente o avanço da conquista do voto em outros países:

TIC-TAC

É possível que em breve também ás mulheres américas do norte seja concedido o direito sagrado do voto.

Commentando essa alviçareira nova, trazida até nós pelas columnas telegráficas dos jornais diários, dois cavalheiros a uma esquina de rua discutiam.

Bem que um disse: - “nós, brasileiros, devíamos suspirar por que esse estão de cousas não nos atringisse. Meu amigo, minha mulher alegrou-se com a noticia mas minha sogra quase endoidece de satisfeita”<sup>46</sup>.

Apesar de que tais reportagens são pontuais na revista e não entram no debate, parecem deixar claro, de maneira geral, a quem interessa as conquistas do feminismo, às mulheres e não aos homens. Podemos perceber tal conjuntura, na seção “Reportagens Confidenciaes”<sup>47</sup>, da Revista O Record, onde é feita perguntas similares para um homem e para uma mulher. Enquanto que o entrevistado se demonstra evasivo nas respostas, sem demonstrar tanto interesse, a entrevistada aproveita a oportunidade para fazer menção a inserção da mulher no espaço público: nas perguntas “A minha principal qualidade ?” e “O meu principal defeito?”, a resposta para a primeira é “Desejar a felicidade para todos e ter espirito pendente para a revolução” e para a segunda é “Não guardar desaforo de ninguém e pugnar sempre pelos direitos a mulher, até serem equiparados aos do homem na vida civil”, interessante perceber que mesmo configurando “ser pendente para revolução” uma qualidade, quando a mesma torna-se mais especifica e fala dos direitos das mulheres, a

<sup>45</sup> Estado do Pará, 26/07/1916. Matéria: O suffragio feminino.

<sup>46</sup> A Semana, n.62, v.2, 1919. Matéria: Tic - Tac

<sup>47</sup> O Record, n.10, v.2, 1918. Seção: Reportagens Confidenciaes.

enquadra em um defeito, mas aparenta deixar claro que não pretende mudar. Tal panorama pode representar o reflexo da sociedade paraense nesse contexto, que não considera pertinente a mulher lutar por esses direitos.

Por conseguinte, cabe analisar como era conceituado o feminismo, tendo como base principalmente o jornal Estado do Pará e as colunas de Felipe Caramarão. Ele irá caracterizar o feminismo da seguinte forma:

O feminismo não é a rebelião dum sexo contra leis absolutas e imutaveis, nem tão pouco um sentimento de rivalidade doentia ou de inveja absurda. É uma reacção espontanea contra mentiras e prejuizos originarios, a aspiração de viver em liberdade, de viver como collaboradora e não como escrava do homem.<sup>48</sup>

Podemos perceber que ele não compactua com a ideia de conflitos e rebeliões, características que são enquadradas, como já mencionamos, ao sufragismo britânico, no qual o mesmo chega a criticar. Mas compactua com um ideal liberal, contra injustiças, a favor da liberdade, utilizando-se até de analogia a escravidão. Em outros artigos, reafirma essas questões, e acrescenta que é “uma felicidade igual para os dois sexos – tal como a vida nol-a podia offerecer – nem mais, nem menos”<sup>49</sup>, onde o feminismo não só beneficiaria as mulheres como também os homens, e estariam em plena igualdade. Os benefícios tragos está relacionado com a ideia de “mulher colaboradora”, onde ela contribuiria a favor da pátria, a partir da educação e do trabalho como fortalecedores do lar.

É relevante ressaltar que as concepções de Felipe Camarão refletiram na sociedade paraense, quando vemos na enquete “Os inqueritos de Sonia”, a pergunta “Qual a sua opinião, leitora, sobre o feminismo?”, e uma das respostas, de autoria de Josepha L. Castro<sup>50</sup>, dizer: “A minha opinião sobre o feminismo é exatamente a do collaborador d’esse jornal sr. Felipe Camarão, que durante longos mezes defendeu com logica a causa feminista [...]”. Podemos supor que seus artigos no jornal contribuíram para a disseminação do feminismo na sociedade paraense, as proporções e de que forma foram interpretadas não podemos afirmar.

Sobre os textos escritos por mulheres, para compreendermos sua posição e percepção em relação feminismo, são mais escassas nos impressos do que os textos escritos por homens. A partir disso, queremos deixar claro que estamos cientes dos artigos sem nomeação, da prática do uso de pseudônimos, entre outras variáveis, que não deixam ter certeza sobre a autoria do texto. Entretanto, gostaríamos de mencionar aqueles escritos que possuem em sua autoria nomes femininos.

<sup>48</sup> Estado do Pará, 04/08/1913. Coluna: O feminismo triumpha IX.

<sup>49</sup> Estado do Pará, 07/08/1913. Matéria: O peso do cérebro.

<sup>50</sup> Estado do Pará, 27/07/1916. Seção: A vida mundana.

Durante esse período, em relação as colunas direcionadas à questão do feminismo no jornal Estado do Pará, houve poucas escritoras, dentre elas Maria Olympia, que caracteriza ser feminista da seguinte forma:

Ser feminista é pedir trabalho. Pedir que nos seja facultada a concorrência a todos os logares e que seja o valor e não o sexo que nos admitta ou pretira. Ser feminista é pedir para todos os mesmo deveres cívicos e moraes, as mesmas responsabilidades. Ser feminista, enfim, é amar a independencia, a liberdade, a luz e a sciencia.<sup>51</sup>

Há a ênfase ao trabalho e a reafirmação da ideia de igualdade entre os sexos, reforçada pela mesma concepção liberal própria do período, devido o momento inicial da República. Uma questão interessante é o termo “pedir”, que infere a ação de solicitar a alguém, nesse contexto, ao homem, cabendo a ele conceder ou não; conferindo a mulher o lugar de sujeito que recebe a ação, e podendo reforçar seu espaço social atribuído, já analisado.

Outra concepção evidenciada é a distinção entre feminismo e sufragismo, contribuindo para a percepção de um “feminismo leve”:

Suffragismo não é feminismo. [...] A feminista não pretende votar, não quer ser eleita, não deseja legislar, nem governar, nem dirigir. O que ella almeja, o que ella quer vêr são os seus direitos de ente humano perfeito e natural equalados aos do homem em face da Lei. [...] Ser feminista é querer a liberdade de agir sem constrangimento, e tornar-se moral e socialmente equal do homem.<sup>52</sup>

Tal perspectiva foi relatada por Maria Mercedes, nos “Inqueritos de Sonia”, percebemos que apesar do sufrágio ser uma das principais pautas no período, ela não é aceita por todos e todas simpatizantes ao feminismo, como também há o ideal negativo em torno do sufragismo, já mencionado, fazendo com que não fosse benquisto. O interessante nesse depoimento é a desvinculação na participação política, que se configura até hoje como um espaço majoritariamente masculino, além disso, é reforçada apenas uma igualdade social, tal como os homens, considerados seres humanos normais, sem as concepções de inferioridade, fragilidade, pouca inteligência, que por vezes era atribuído às mulheres. Assim, caracterizando esse “feminismo leve/moderado”, que não desejava mais do que uma liberdade social.

Em outros impressos, o feminismo é relacionado a todas as questões femininas, e quando os homens passam a se interessar por tais assuntos eles “tem decerto meio caminho andado para o feminismo”<sup>53</sup>. Tais depoimentos, como um todo, possibilita que os homens façam parte do movimento e possam juntamente com as mulheres reivindicar a emancipação feminina.

<sup>51</sup> Estado do Pará, 31/03/1914. Coluna: O feminismo.

<sup>52</sup> Estado do Pará, 29/07/1916. Seção: A vida mundana.

<sup>53</sup> A Semana, n.56, v.2, 1919. Coluna: A moda.

A partir de tais representações percebemos, desde o início, que não há uma hegemonia em torno do que seria o feminismo, caracterizado até hoje como um movimento plural, que visa atender a diversidade dos sujeitos e suas demandas.

### **Considerações Finais**

Frente às mudanças sociais, econômicas e políticas nos anos iniciais do século XX, concepções sobre a condição feminina permanecem baseados pelo cientificismo. Na qual se volta para a confirmação tanto da feminilidade quanto da masculinidade, a um cabe o privado e ao outro o público, e ambos não podem se misturar ou “trocar” devido a sua “natureza”.

Mesmo com tais restrições, algumas mulheres transgrediram as normas estabelecidas: as mulheres de classe baixa, sempre se utilizaram da sua mão-de-obra para sobreviver e nesse momento, insere-se nas fábricas e organizam-se para reivindicar melhorias nas suas condições de trabalho; as mulheres letradas da classe dominante, incorporando ideais euro-americanos reivindicam uma educação, trabalho e direitos igualitários, e nelas recai a denominação de “feministas”. Tal denominação pressupõe um movimento e organização, na qual difere daquele que foi a influência para o movimento no Brasil, mas não deixa de ter sociedades e instituições femininas, como é o caso do Partido Republicano Feminino (1910) e da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (1922), que buscaram colocar em evidência essa luta emancipatória. A partir desse pressuposto de mudanças e organizações no cenário referente às mulheres, uma reação contrária tornou-se evidente, percebidas na dificuldade de se adquirir o voto feminino, depois de vários projetos barrados<sup>54</sup>, como também em discursos proferidos em jornais.

Esses discursos oposicionistas permanecem ao longo da história brasileira, quando encontramos folhetos de cordéis contrários a emancipação feminina em 1947<sup>55</sup>, ou até mesmo inseridos em congressos sobre o problema da previdência sócio-criminal no ano de 1941<sup>56</sup>, atribuindo ao feminismo o fato das mulheres trabalharem e sua saída dos lares contribuírem ao desamparo familiar e à delinquência infantil. Tais concepções chegam até os dias de hoje, evidenciadas principalmente nas redes sociais, e intensificadas com a crise política brasileira nos últimos anos.

Nessa mesma conjuntura, o movimento feminista e seus ideais também avançaram, conquistando cada vez mais espaços, direitos, e reconhecimento, como o Dia Internacional

---

<sup>54</sup> Em 1891 foi apresentado uma emenda pelo deputado Sá Andrade; 1917, o deputado Maurício de Lacerda apresentou um projeto de lei que mudava a legislação eleitoral; esses são algum dos exemplos. VER: MARQUES, Teresa. Op. Cit.

<sup>55</sup> JUNIOR, Mota. A emancipação da mulher. Belém: Guajarina, 1947.

<sup>56</sup> Primeiro Congresso de Brasilidade: sobre o problema da previdência sócio-criminal, 1941.

das Mulheres<sup>57</sup> e o Ano Internacional das Mulheres, em 1975. Passando por um processo de reestruturação e de massificação, incorporando outras pautas como violência, sexualidade, gênero, raça, classe e etnia, ocasionando nos diversos tipos de feminismo, procurando agregar todas as mulheres em sua diversidade. Além de organizar movimentações grandiosas como greves trabalhistas e passeatas tal qual “Nem uma a menos” e “Ele Não”.

A partir disso, pretendíamos analisar e evidenciar como as mudanças sociais advindas do movimento feminista alteraram algumas questões nos papéis sociais em voga, e como as representações favoráveis e contrárias ao feminismo foram propagadas pelos jornais paraenses entre 1912 e 1922. Por fim, percebemos um medo na ocupação dos espaços públicos pelas mulheres, como também uma “troca de papéis” temido pelos homens, além de um apoio intensivo ao feminismo, apesar de serem encontradas algumas restrições, não deixam de demonstrar os benefícios e reivindicar a emancipação feminina.

#### Fontes:

Livro: AZEVEDO, Josefina Álvares de. A mulher moderna: trabalhos de propaganda. Brasília: Senado Federal, 2018.

Jornal A Republica: 07/09/1893; 27/10/1893.

Jornal Correio Paraense: 20/07/1893.

Jornal Estado do Pará: 03/07/1911; 01/09/1911; 01/06/1912; 11/06/1912; 22/06/1912; 29/04/1913; 04/08/1913; 07/08/1913; 08/08/1913; 31/03/1914; 05/05/1914; 26/07/1916; 27/07/1916; 29/07/1916.

Jornal Folha do Norte: 08/09/1911.

Jornal O Industrial: 08/05/1902.

Revista A Cigarra: n.1, v.3, 1921.

Revista A Semana: n.49, v.01, 1919; n.51, v.1, 1919; n.52, v.2, 1919; n.54, v.2, 1919; n.56, v.2, 1919.

Revista O Ensino: n.9-10, mar.-abr., 1919.

Revista O Record: n.10, v.2, 1918.

#### Referências:

ALMEIDA, Jane Soares. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Revista Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.79, n.191, jan./abr. 1998.

ÁLVARES, Maria Luzia. Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910 a 1937. IN: ÁLVARES, Maria Luzia; D'INCAO, Maria Angela (orgs.). **A mulher existe?** Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. GEPEN/GOELDI: Belém-PA, 1995.

ÁLVARES, Maria Luzia. Orminda e Eneida: duas versões do feminismo paraense. IN: ÁLVARES, Maria Luzia; SANTOS, Eunice dos (orgs.). **Desafios de identidade:** espaço-tempo de mulher. Belém: CEJUP; GEPEN; REDOR, 1997.

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

---

<sup>57</sup> Instituído no dia 8 de março, originalmente em 1914, sugerido pelas alemãs, e celebrada pela primeira vez na Alemanha, Suécia e Rússia. VER: GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

- BANDEIRA, Ana Paulo. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, nov.2015
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017. P. 189-190.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015, p.13.
- \_\_\_\_\_. **Breve histórico do Movimento Feminista no Brasil**. Disponível: <<http://flacso.org.ar/wp-content/uploads/2015/08/Capitulo-brasil-historia-do-feminismo.pdf>>.
- MARQUES, Teresa Cristina Novaes. **O voto feminino no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.
- MARSON, Melina. Da feminista “macha” aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. **Cadernos AEL**, n.3/4, 1995/1996.
- NASCIMENTO, Kelly. **Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira 1873-1932**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- OSTOS, Natascha. **A questão feminina: importância das mulheres para a regulação da população brasileira**. Cadernos Pagu (39), jul./dez. 2012.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. P. 88
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 357.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.